



PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA E O TESTE DAS QUATRO PALAVRAS E UMA FRASE: POSSÍVEIS REFLEXÕES

Cleiton Teixeira Barbosa, cleiton.teixeira@aluno.uece.br;
Maria Lúcia Rodrigues da Rocha,
lucia.rocha@aluno.uece.br; Ana Luisa Nunes Diógenes,
luisa.diogenes@uece.br.

RESUMO

A alfabetização se constitui como fundamental para o desenvolvimento do ser humano na sociedade. Assim, entender esse processo mostra-se como um saber necessário para a atuação do pedagogo. Essa pesquisa objetiva compreender como o teste das quatro palavras e uma frase pode ser utilizado como recurso para identificar as hipóteses de escrita das crianças. Utilizou-se como referência: Ferreiro (2011), Morais (2005), Santo e Oliveira Junior (2020) e Soares (2020). Os dados foram coletados com a aplicação do teste de quatro palavras e uma frase. Concluímos que o teste é um recurso informativo que guia a prática do professor alfabetizador.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação; Teste das quatro palavras; Professor.

1. INTRODUÇÃO

A psicogênese da língua escrita trata de um estudo da aprendizagem inicial da língua escrita no processo de alfabetização. No entanto, para que o sujeito domine o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) é necessário um grande esforço do aprendiz, uma vez que esse é um processo bastante complexo.

[...] para aprender o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), o sujeito tem que reelaborar, em sua mente, uma série de decisões que a humanidade tomou, ao criar esse tipo de notação. Tais decisões envolvem conhecimentos que nós, adultos já “superalfabetizados”, dominamos de forma não-consciente [...] concebemos erroneamente, que a tarefa do aprendiz consistiria em “dominar um código” e subestimamos a fascinante empreitada cognitiva que ele terá que assumir. (MORAIS, 2005, p. 37, grifo do autor).

O domínio do SEA pelo aluno também vai depender da forma como ele é abordado em sala de aula, se como código de escrita ou como sistema notacional. O domínio de um código vai partir da memorização de informações, repetição e cópias da lousa ou livro didático. Já a aprendizagem de um sistema notacional implica compreender o que a escrita representa e como ela cria representações, para isso a criança precisa compreender as propriedades do sistema notacional.

É necessário que a criança antes mesmo de aprender a escrever alfabeticamente tenha a oportunidade de produzir escritas espontâneas, algo comum na infância. Promover a escrita espontânea oportunizaria a criação de hipóteses sobre a



escrita, que seguiria uma ordem evolutiva até que a criança se apropriasse do princípio alfabético.

Partindo da análise de uma escrita espontânea, esse resumo possui como objetivo, compreender como o teste das quatro palavras e uma frase pode ser utilizado como recurso para identificar as hipóteses de escrita das crianças. Em seguida, abordaremos essa de forma mais específica na fundamentação teórica. Na metodologia explicamos como se deu a produção de dados e os estudos feitos para que atingíssemos o resultado. Na seção Resultados, socializamos os dados produzidos a partir do teste e nas considerações finais apresentamos nossa ideia sobre todo o estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde muito pequenas as crianças supõem que a escrita se dá por meio de desenhos, rabiscos e o que chamamos de garatujas. Essas são hipóteses criadas por elas que irão contribuir para sua evolução no domínio do princípio alfabético. Assim,

[...] A medida, porém, que vivenciam o uso da escrita em seu contexto familiar, cultural e escolar, as crianças vão percebendo que a escrita não é desenho, são traços riscos, linhas sinuosas, e, então passam a “escrever” imitando essas formas arbitrárias. é o início de uma evolução [...] a progressiva compreensão da escrita como representação dos sons da fala, dos significantes. Essa progressiva compreensão é revelada por escritas espontâneas [...]. (SOARES, 2020, p. 61, grifo do autor).

Aos poucos a criança percebe que a escrita não é um simples rabisco mas, na verdade, representa os sons da fala. No entanto, essa tomada de consciência não ocorre de maneira repentina, antes a criança precisa passar por um processo longo e intelectualmente complexo, que irá exigir dela grande esforço. “[...] Nós, adultos, por vezes, nos esquecemos de que a construção da base alfabética é um processo que exige estratégias, levantamento de hipóteses e superação paulatina dessas hipóteses, numa ação de monitoramento cognitivo [...].” (SANTO; OLIVEIRA JÚNIOR, 2020, p. 288).

Esse processo, portanto, se dá com base em quatro hipóteses de escrita: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Na hipótese pré-silábica a criança não compreende a escrita como representação da fala, utilizando-se de letras ou pseudoletras, além de garatujas e números em seus escritos. Nota-se também a presença do realismo nominal, relação estabelecida entre o tamanho da palavra e o tamanho do objeto real. A segunda hipótese se divide em dois grupos: silábico sem valor sonoro e



silábico com valor sonoro. No primeiro grupo a criança ainda não relaciona escrita e sons da fala, mas já é capaz de atribuir uma letra para cada sílaba, mesmo que aleatória. Já o grupo dois supõe o início de um entendimento entre os sons e a escrita, sendo capaz de representar cada sílaba com uma letra que tenha valor sonoro.

A hipótese silábico-alfabética caracteriza-se como um período de transição entre uma escrita silábica e uma escrita alfabética, quando a criança pode escrever sílabas completas e incompletas em uma mesma palavra. Por último, na hipótese alfabética, mesmo que a criança não tenha domínio sobre os aspectos ortográficos da língua, consegue relacionar com clareza fonemas e grafemas. Sua escrita se dá conforme sua fala. A identificação dos níveis de escrita acontece por meio da aplicação de um diagnóstico. Ele seria uma fonte de informação capaz de conduzir a prática do professor com o objetivo de que a criança avance em seu desenvolvimento alfabético. De acordo com Soares (2020, p. 57)

Diagnosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças tem, para a ação educativa de alfabetizar em situação escolar, objetivos pedagógicos; a partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar de um nível ao seguinte [...].

A criança tem toda a educação infantil e parte do ensino fundamental para desenvolver suas habilidades concernentes ao SEA, cabendo aos professores a utilização de diversos recursos que garantam e estimulem essa aprendizagem.

3. METODOLOGIA

Esse trabalho é fruto de nossos estudos e inquietações durante a realização da disciplina de Alfabetização de Crianças no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A produção de dados aconteceu por meio do teste de quatro palavras e uma frase. Em relação à sua aplicação, foram dadas quatro palavras do grupo semântico partes do corpo humano, sendo elas: cotovelo, orelha, dedo e pé. Portanto, uma palavra polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba. Também foi solicitado que as crianças escrevessem seus nomes e a frase: O pé está doendo. A aplicação foi feita com duas crianças de 3 e 5 anos, ambas residentes em Trairi-CE. A partir da



aplicação do teste foi possível refletir e identificar os níveis de escrita das crianças participantes da pesquisa.

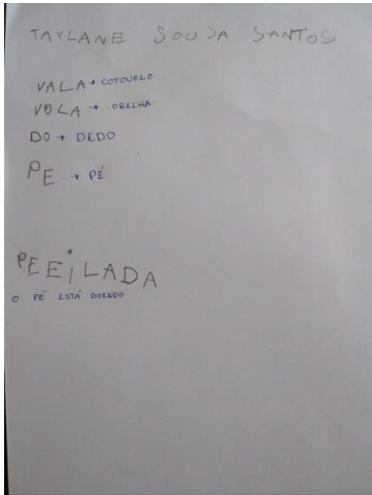
4. RESULTADOS

Parte-se do entendimento de que “[...] Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valioso documento que necessita ser interpretado para poder ser analisado [...]” (FERREIRO, 2011, p. 20) e, assim, apresenta-se os resultados e análise das escritas de duas crianças, uma de 5 e outra de 3 anos de idade, ambas já inclusas na educação infantil.

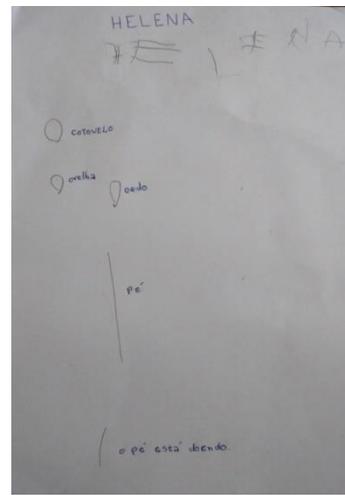
Helena, de 3 anos, apresenta em sua escrita desenhos e rabiscos para representar as palavras e a frase que foram solicitadas que ela escrevesse. Além disso, sua escrita está disposta de forma não linear. Assim, percebemos que ela ainda não sabe a diferença entre os desenhos e a escrita, ainda não tendo percebido que a escrita se faz com letras. Esse tipo de escrita é característico da primeira etapa da hipótese pré-silábica, onde a criança escreve com o que chamamos de grafismos primitivos.

Taylane, de 5 anos, escreve com letras e apresenta um repertório que vai além das letras do seu nome. Já compreendeu que se nota os sons da fala e em três das quatro palavras usa uma letra para cada sílaba. Nas palavras dissílabas e monossílabas as letras correspondem aos sons da sílaba, no entanto, nas polissílabas e trissílabas as letras utilizadas pela criança não correspondem aos sons das sílabas. A frase escrita por ela apresenta uma escrita linear, porém, sem a separação entre as palavras, o que indica que ela ainda não tem uma boa noção de palavras.

Podemos concluir que Taylane está no nível silábico sem valor sonoro, embora em uma de suas palavras o número de letras não corresponda ao número de sílabas. O nível silábico se divide em duas etapas, a escrita com valor sonoro e sem valor sonoro. Embora duas palavras escritas pela criança possuam valor sonoro, ainda não podemos encaixá-la nesse nível, pois nas duas outras palavras as letras não correspondem de forma alguma aos sons.



Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização se apresenta como um processo gradativo que aos poucos é compreendido pelas crianças até que alcancem o nível alfabético. Dentro da sala de aula esse processo de identificação dos níveis de escrita pode ser realizado pelo professor utilizando o teste de quatro palavras e uma frase. Esse recurso, tido como uma importante fonte de informações, permite ao professor pensar em novas metodologias de ensino para que as crianças consigam avançar na compreensão do Sistema de Escrita Alfabética. Além disso, a escrita de cada criança apresenta particularidades, tornando-se necessário um olhar atento do educador quanto a essa questão.

6. REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 13-42.

MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? *In*: MORAIS; Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Org).

Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Cap. 2, p. 29-46

SANTO, Edeil Reis do Espírito; OLIVEIRA JÚNIOR, Osvaldo Barreto. Sistema de escrita alfabética: problematizando um sistema conceitual. São Luís: **Revista Educação e Emancipação**. v. 13, n. 1, jan./abr. 2020, p. 288-313.

SOARES, Magda. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020. Cap. 2, p. 40-73.